

INTRODUÇÃO

Adorando o Deus trino:
o modelo da espiritualidade trinitariana de John Owen

KELLY KAPIC

Na medida em que vemos o amor de Deus,
tanto o apreciaremos e nem um pouco mais.¹

Mal me dou conta do Um
e sou iluminado pelo esplendor dos Três;
mal os distingo
e sou levado de volta ao Um.²

Desde 1942, existe um programa de rádio da BBC incrivelmente popular intitulado *Desert Island Discs*. Durante o *show*, o apresentador pede para um convidado escolher oito músicas que “obrigatoriamente” levaria para a ilha. Programas semelhantes enfocam desde músicas até livros. Se você pudesse ter somente oito livros, quais seriam eles?

Quando me fazem tal pergunta, há sempre um livro que faz parte de minha pequena lista: *Of Communion With God The Father, Son, and Holy Ghost, Each Person Distinctly, in Love, Grace, and Consolation*³ [Da comunhão com Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, cada pessoa distintamente, em amor, graça e consolação]. O que me surpreende, no entanto, é que poucas pessoas

conhecem esse clássico em particular. A boa notícia é que os escritos de Owen estão sendo redescobertos e admirados por pastores, teólogos, historiadores e leitores leigos.⁴ A razão é simples: sua obra tem relevância para pessoas em todas essas categorias.

Os escritos de Owen são teologicamente ricos, pastoralmente sábios e exegeticamente estimulantes. Não é necessário concordar com tudo o que esse puritano escreveu para tirar grande proveito ao lidar com suas ideias. Porque a metodologia de Owen geralmente une – em vez de dividir – o conhecimento sobre Deus e a natureza humana, sua obra mostra uma característica atual. Sua reflexão devocional não separa a espiritualidade de uma infraestrutura teológica firme. Infelizmente, em razão das barreiras apresentadas pelo estilo difícil de escrita de Owen, por sua linguagem e pela distância cultural, suas ideias são geralmente desvalorizadas por leitores contemporâneos. É nossa esperança que, por meio desta nova edição de um clássico de Owen, possamos rerepresentar John Owen e sua abordagem à espiritualidade trinitariana a uma ampla plateia.

Breve biografia

John Owen (1616–1683) viveu em uma época de tremenda turbulência na história da Inglaterra.⁵ Testemunhou pessoalmente a dureza de uma guerra civil, a decapitação de um rei, um parlamento que continuamente tinha interesse pelo caos, o retorno de um rei exilado, profundas lutas religiosas e até uma perseguição por parte de protestantes e de católicos. Ele sofreu a angústia da morte de sua primeira esposa e de todos os seus filhos. Tais experiências moldaram esse crente puritano enquanto flexivelmente se movia entre as esferas da vida acadêmica, política e pastoral.

Muito bem preparado em Oxford, a carreira de Owen incluiu não só trabalhar como capelão do exército por pedido pessoal de Oliver Cromwell, mas também servir como vice-chanceler da Universidade de Oxford (1652–1657) e como deão da Igreja de Cristo em Oxford (1651–1660). Quando não estava servindo na área acadêmica, estava geralmente auxiliando em algum tipo de trabalho pastoral – o que fez até o fim de sua vida. Em meio a tudo isso, Owen foi capaz de produzir uma quantidade enorme de literatura: basicamente, todos os seus escritos na edição autêntica do século 19 incluem 24 volumes bem comprimidos. Do começo ao fim das milhares de páginas que escreveu, Owen trata de tudo, desde o governo da igreja até a justificação pela fé, da tolerância até a natureza da expiação.⁶ Neste estudo diante de nós, encontramos Owen investigando o que significa para os crentes ter comunhão com o Deus trino.

Comunhão com Deus: o livro

Comunhão com Deus foi publicado pela primeira vez em 1657; o material do livro foi o resultado de sermões pregados alguns anos antes. Ao que parece, muitas pessoas que ouviram em primeira mão sua pregação deste assunto ficaram

ansiosas para tê-lo impresso e foram frustradas pela demora.⁷ Lembrar que o contexto original foi primeiramente um exercício pastoral e não polêmico-acadêmico ajuda a explicar o tom de muito de seu discurso. Ainda que esteja claro que modificou, revisou e acrescentou vários detalhes a esta obra, o “coração” do material aponta para o púlpito.

Convencido de que os crentes precisam conhecer seu Deus para que sejam fiéis adoradores, Owen estruturou sua abordagem da espiritualidade cristã de uma maneira trinitariana, pois cria que podemos conhecer a Deus corretamente somente nas pessoas divinas. A contribuição de Owen não está meramente no que é dito, mas em como e quando ele o diz, pois era um mestre da criatividade e da expressão teológica. A estrutura desta obra – com ênfase no Três como o modo de entender o Um – faz a própria estrutura deste livro significativa na história da teologia ocidental. Descobrimos uma obra que é intencionalmente e fundamentalmente *trinitariana na estrutura e cristocêntrica na ênfase*.⁸ A fim de apreciar seu método e conteúdo, vamos examinar a obra em si.

Visão geral deste ensaio

Alguns destaques do que será tratado nesta obra podem ser muito úteis. Começamos ao explorar a ideia geral de comunhão com o Deus eterno trino; isso inclui reflexões sobre a distinção que Owen faz entre união e comunhão, assim como sua ênfase na importância de que o Deus único é eternamente trino. Depois, nossa atenção será colocada sobre o Pai, de quem Owen crê que geralmente temos uma visão distorcida, a qual nos faz hesitantes ao nos comunicarmos com ele. Quando o enfoque de Owen se direciona para o Filho, descobriremos o que significa conhecer corretamente Deus ao colocar nossos olhos em Cristo, aquele que mais ama a igreja. Por fim, veremos a obra extensa de Owen sobre o Espírito Santo. Uma atenção especial é dada, neste tratado em particular, a como Owen nos incentiva a identificar e a adorar o Espírito de Deus. No fim, teremos uma panorâmica da abordagem de Owen à comunhão com o Deus trino.

Comunhão com Deus: uma abordagem trina

União e comunhão: a segurança espiritual sem negligenciar a atividade humana

A ideia de que a *comunhão* requer “relações mútuas” entre nós e Deus é central na tese de Owen. Antes de começar a examinar as relações entre as pessoas divinas, consideraremos nosso relacionamento com Deus. Para experimentar comunhão é necessário relacionamento e comunicação como: compartilhar afeições, responder, alegrar-se e satisfazer-se. Em outras palavras, quando Owen fala de nossa comunhão com Deus, o que realmente quer dizer é uma comunhão ativa, não meramente um estado de passividade. “Comunhão consiste em dar e receber.”⁹

No entanto, para reconhecer como isso nos transmite a visão dele da espiritualidade, é importante observar que Owen guarda uma distinção essencial entre união e comunhão. Crentes estão unidos a Cristo em Deus pelo Espírito. Essa *união* é uma ação unilateral de Deus, na qual aqueles que estavam mortos são vivificados, aqueles que viviam nas trevas começam a ver a luz e aqueles que estavam escravizados ao pecado são libertos para serem amados e para amar. Quando se fala em “união”, deve ficar claro que o ser humano é meramente receptivo, sendo objeto da ação graciosa de Deus. Essa é a condição e o estado de todos os santos verdadeiros.

A *comunhão* com Deus, no entanto, é distinta da união. Aqueles que estão unidos a Cristo são chamados para *responder* ao amor atrativo de Deus. Enquanto a união com Cristo é algo invariável, a experiência que uma pessoa tem da comunhão com Cristo pode oscilar. Essa é uma distinção teológica e empírica importante, pois protege a verdade bíblica de que somos salvos pela livre e radical graça divina. Além do mais, essa distinção também protege a verdade bíblica de que os filhos de Deus têm um relacionamento com o seu Senhor e de que há coisas que os crentes podem fazer para contribuir ou atrapalhar tal relacionamento. Quando um crente lida confortavelmente com o pecado (pecados propositais ou de omissão), isso invariavelmente afeta seu nível de intimidade com Deus. Não é que o amor do Pai aumente ou diminua por seus filhos de acordo com suas ações, pois seu amor é constante. Não quer dizer que Deus se afasta de nós, mas nós nos afastamos dele. O pecado isola o crente, fazendo que se sinta distante de Deus. Depois, vêm as acusações – tanto de Satanás como de nós mesmos – que podem fazer o crente preocupar-se e entender que está sob a ira de Deus. Na verdade, no entanto, os santos não estão sob a ira, mas sob a sombra segura da cruz.

Embora a perseverança de um crente na oração, na adoração comunitária e na meditação bíblica não seja o que faz Deus o amar mais ou menos, tais atividades contribuem para promover uma bela experiência de comunhão com Deus. Entregar-se às tentações e negligenciar a devoção a Deus ameaça a comunhão, mas não a união.¹⁰ É essa união que encoraja o crente a retornar do pecado para Deus, que é rápido em perdoar, cheio de compaixão e fiel em seu amor infinito. Que não haja mal-entendidos – para Owen a obediência cristã é de vital importância, mas sempre foi entendida como fluindo dessa união, nunca vista como sendo base para ela.¹¹ Em harmonia com Bunyan e outros não conformistas como ele, Owen “insistia em uma experiência muito pessoal e emocional da união com Cristo e com o Espírito Santo”, e dessa união uma ativa comunhão fluía naturalmente.¹²

No decorrer de seu texto, quando Owen trata da obra do Espírito, faz uma distinção entre o Espírito sendo recebido em termos de “santificação” e a obra do Espírito da “consolação”.¹³ Ao se referir à *santificação* nesse contexto, quer dizer a obra pela qual o Espírito nos separa, unindo-nos a Cristo e vivificando-nos. Esse ato é “uma mera recepção passiva, como um vaso que

recebe água”.¹⁴ É o movimento de estar fora do reino de Deus e se tornar um filho do Rei.

Quando Owen fala da obra da *consolação* por parte do Espírito, tem em mente a atividade consoladora do Espírito na vida do crente. Os cristãos precisam deixar de ser passivos na esperança de que o Espírito trará conforto; antes, devem (1) procurar consolo ao olhar para as promessas de Deus realizadas no Espírito, (2) clamar ao Espírito intercessor para que traga consolo e (3) prestar atenção aos “seus gemidos”, o que nos leva ao Pai e ao Filho. Em tudo isso nós recebemos, ativa e corretamente, aquele que vem com liberdade nos trazer consolo e graça. Mais uma vez, nossa união com Deus em Cristo nunca está em perigo, mas nosso senso de comunhão com Deus necessita de uma atitude humana apropriada e de uma resposta. “O Consolador sempre permanecerá conosco, embora nem sempre nos console; aquele que é o Consolador pode permanecer, embora nem sempre faça essa obra.”¹⁵ Os crentes têm o Espírito de Deus neles, sem dúvida, porém isso não significa que devem ver suas próprias ações como irrelevantes. Seguindo esse pensamento, às vezes o Espírito “nos oferece consolação”, mas não a recebemos e então não nos alegamos com o pleno fruto de sua atividade em nós. A vida cristã, para Owen, não divide o trabalho entre o divino e o humano, nem negligencia a atividade de cada um deles: agimos porque Deus age em nós.¹⁶

Todo relacionamento verdadeiro requer o que Owen chama de *mutualidade*, e não deveríamos nos afastar do fato de que somos convidados pelo Espírito a ter comunhão ativa com Deus.¹⁷ Essa comunhão se apropria da segurança da união. Tendo em mente a distinção que Owen faz entre união e comunhão, pode-se muito bem entender sua conclusão: “*O Espírito, como santificador, vem com poder para conquistar um coração descrente; o Espírito, como consolador, vem com doçura para ser recebido no coração que crê*”.¹⁸ Ainda que o Espírito nunca abandone um crente, não deve nos surpreender o fato de que a negligência de tal receptividade do movimento do Espírito comprometa nosso sentimento de intimidade. Para Owen, a graça deve ser entendida com base nesse relacionamento, do começo ao fim, desde a justificação até a perseverança dos santos, desde nossa aceitação por parte de Deus até a glorificação dos santos – a graça é o alicerce de todo o entendimento da segurança dos santos e do privilégio diante de Deus.¹⁹ Essa graça, contudo, requer uma resposta humana, ao contrário de recusá-la. Porém, se temos de responder corretamente, devemos saber para quem responder.

O Deus único que é eternamente três

Quem é Deus? A quem oro, em quem confio e para quem clamo em momentos de confusão e de dor? Deus pode realmente ser conhecido, ou só temos sinalizações a respeito de Deus que não correspondem totalmente a quem ele realmente é? O que significa *conhecer* Deus para mim? Tais perguntas *devem* sensibilizar a fé e a experiência cristã. O que poderia ser mais fundamental que